



Referidos por cronistas e viajantes como traficantes de escravos, os Miranha sofreram o impacto da frente caucheira. Hoje, remanescentes do grupo são produtores de farinha de mandioca "brava" e coletores de castanha, e vivem na aldeia de Miratu, de propriedade comunal (delimitada na década de 20 pelo SPI). Os principais problemas do grupo e as soluções para os mesmos são discutidos em reuniões semanais, entre eles as possíveis formas de se libertarem dos comerciantes aos quais vem sendo submetidos.

A situação dos Miranha de Tefé e a história do contato será encarada dentro de uma unidade analítica mais inclusiva, a história da Amazônia. Os descimentos, as missões, os diretórios de índios, o extrativismo das drogas do sertão, a frente seringalista e a dominação exercida por comerciantes repercutiram na organização do grupo.

Utilizando como fonte de informação a literatura especializada, será traçada em linhas gerais a história da ocupação da Amazônia. A seguir, serão reconstituída, a partir da leitura de cronistas que estiveram na área, a história do contato. Uma terceira fonte de informação são os dados obtidos mediante observação pessoal, durante os 40 dias que estive na área. Destes, passei um mês entre os Miranha, participando de 3 assembleias do grupo e acompanhando uma viagem à Tefé, onde permanecemos uma semana.

## II PROBLEMAS PROPOSTOS

Roberto Cardoso de Oliveira pensa as relações entre índios e brancos dentro de uma situação de colonialismo interno, na qual as frentes de expansão da sociedade nacional teriam como presas de seus interesses econômicos e políticos a força de trabalho e o território indígenas (1968:353).

O "campo político" (Turner, 1975:125) destas relações é a situação de contato. Este contato tem uma história, e os grupos étnicos fragmentam-se ou reestruturam-se no decorrer dela.

Os limites entre os grupos étnicos, tomados como focos de investigação, podem ser sociais ou territoriais, implicando a disputa por recursos e valores. Trata-se, portanto, de detectar as transformações do grupo étnico em questão (Tomado como um "tipo organizacional" - Barth, 1969). Propõe-se, assim, detectar os "pontos críticos" que levaram o grupo a novas formas organizativas, e os fatores sociais condicionantes desta mudança. Estes fatores deverão ser pesquisados no próprio impacto das frentes da sociedade nacional sobre o grupo indígena em questão e nas respostas desencadeadas pelo grupo.

Entendendo as relações interétnicas dentro de um processo histórico, de transformações sociais, que desemboca na situação atual; as identidades emergentes do "campo político" das relações interétnicas, serão tomadas como elementos classificadores (susceptíveis de serem operacionalizadas, mesmo se em disjunção).

### III. A OCUPAÇÃO DA AMAZÔNIA

Consta, segundo várias fontes, que a descoberta da Amazônia está associada à busca de ouro, inspirada pelo mito do El Dorado. Um grupo dirigido por Francisco de Orellana, da expedição comandada pelo espanhol Gonzalo Pizarro, percorreu a Amazônia, atingindo o Atlântico em 1542, com estes fins. Pedro de Ursua, comandante de uma outra expedição, foi assassinado em viagem pelo motim liderado por Lopo de Aguirre. É fato legendário a pretensão deste aventureiro de, rebelando-se contra a Espanha, fundar um império e casar-se com a filha, tendo sido ela também morta durante a viagem (Fernandes, 1963:258).

Mas a ocupação seria iniciada efetivamente apenas quando, vencidos os espanhóis e holandeses, foram constituídas as bases territoriais, espirituais e econômicas para garantir a soberania da coroa portuguesa na região (1963:264). A expansão territorial foi obra dos sertanistas, dentre os quais se sobressai a figura de Pedro Teixeira, que em 1626, iniciou a penetração. Foram eles que derrotaram os espanhóis. Entre seus feitos, interessa a este estudo a conquista das aldeias estabelecidas anteriormente por Samuel Fritz e João B. Sana.

Foi empreendida pelas ordens religiosas a tarefa de conquistar as populações indígenas, catequizando-as. Segundo Fernandes: "operando a serviço do Estado, os religiosos facilitaram a obra da expansão e do domínio português, congregando pacificamente os povos indígenas." (idem, 1963:265). Sua ação, iniciada com os "descimentos" no final do século XVII, começou a fixar os indígenas, seja aldeando-os, seja deslocando-os, ou fundando missões para onde os conduziam. (Reis, 1931:52). Os ~~jesuítas~~ missionários (nota), entre eles os carmelitas e jesuítas, não se utilizaram da força como os ~~sertanistas~~ sertanistas, mas da persuasão, alcançando, o que antes não fora conseguido, a "civilização" do gentio. Conta Reis que muitos grupos indígenas deste modo "aceitaram a dominação dos portugueses" (1931:55).

Mas a história da ocupação da Amazônia teve também conflitos entre igreja e estado. A compreensão deste conflito traz à tona relações econômicas e sociais.

O apresamento e o tráfico de índios; condicionado à agricultura comercial estabelecida principalmente no Nordeste, foi, na primeira metade do século XVII, a atividade econômica mais rendosa do Estado do Maranhão (Melatti, 1977:42).

Uma agricultura, apesar de incipiente e quase para consumo, ~~foi~~ ativada por braços de escravos indígenas foi, a partir de meados do século XVII a ~~primeira~~ primeira atividade produtiva da região. Iniciado no final do século, o

---

(nota) "Em 1687, 1693, 1694, 1707 e 1714, cartas régias fixaram o campo de atuação de cada ordem: franciscanos de Santo Antônio, as missões de Cabo Norte, Marajá e norte do rio Amazonas; Companhia de Jesus, as do rio Tocantins, Xingu, Tapajós e Madeira; Carmo, as do ~~Baixo~~ rio Negro, Branco e Solimões; Franciscanos da Piedade, as do Baixo Amazonas, tendo por centro Gurupá; mercedários, as do Urubu, Anibá, Uatumã e trechos do baixo Amazonas" (Fernandes, 1963:265)

comércio de drogas do sertão caracterizaria as atividades econômicas da ama zônia até meados do século XIX, início do período da borracha (Santos, 1977).

Se a legislação portuguesa de maneira geral defendia os índios (grande massa populacional da época) do tráfico e da escravidão (embora <sup>em alguns casos</sup> ~~de maneira ge~~ ral a permitisse), ela era ignorada. Não se pode dizer, por outro lado, que as relações de trabalho impostas pelos missionários aos índios fossem exata mente escravistas. Alguns dados ~~iniciais~~, ao contrário, indicam que a Igreja se opunha à escravidão indígena, embora ~~não~~ esta proteção não tenha impa dido a generalização de tais relações de trabalho. Um exemplo ilustrativo da atuação dos missionários é o desempenho do Padre Vieira. Nomeado em 1655 supe rior das missões jesuítas, por um decreto que dava a estas a direção de todos os aldeamentos indígenas do estado do Maranhão; este padre tomou atitudes con trárias ao tráfico e escravidão indígenas (Melatti, 1977:42). A exclusividade das missões jesuítas foi retirada, não obstante, através de lei que restringia a autoridade das missões, em 1663.

Se a coroa portuguesa oscilou durante a segunda metade do século XVII entre <sup>com</sup> ~~inferir~~ ou não autoridade às missões, em 1759 os jesuítas foram defê nitivamente expulsos pelo Marquês de Pombal. Spix e Martius indicam então a existência de 19 aldeias dos jesuítas, 15 dos capuchinhos, 12 de carmelitas e cinco de mercedários (Spix & Martius, 1938:42), onde?

Em 1757, foi instituído o diretório de índios, elevando os índios aos mesmos direitos dos cidadãos portugueses. Segundo J.C. Melatti, era inspirado pelo raciocínio de Pombal: ele "partia do princípio" (1977:43) que para a sobera nia de Portugal no território brasileiro ter bases fortes e produtivas, era necessária a colaboração do índio, não mais como mão de obra escrava (o que de fato se observava, apesar da ação das missões) mas sim liberto. Além da li bertação dos índios, o Diretório retirava das ordens religiosas o poder tem poral sobre os índios, elevando os aldeamentos indígenas à categoria de vilas ou lugares, cujo "governo seria exercido pelos próprios indígenas" (Melatti, 1977:43). Segundo o Regulamento dos Diretórios, caberia ao Diretor de Índios "orientar" o governo dos índios sobre as aldeias ou lugares. Na prática, porém, os diretores abusaram desta autoridade. Em Tefé, por exemplo, como conta Bates:

"Todos os rios vizinhos, com suas numerosas tribus selvagens, estão sob a superintendência de um diretor, nomeado pelo Governo Imperial. Não há agora missões na região do alto rio Amazonas: os gentios são considerados sob a administração e proteção destes déspotas que, como capitães dos trabalhadores, empregam os nativos para seus trabalhos privados" (1944, 177). \*

O século XIX observaria transformações substanciais no panorama amazôni co: a proclamação da Independência do Brasil teve como contrapartida um movi mento autonomista da Comarca do Alto Amazonas. Reis situa dentro deste movimen to a cabanagem. Revolta de índios e mestiços, liderada pelos "cabanos", agitou durante a década de trinta toda a Província do Grão Pará. Seu último grito foi dado nos anos de 1838 e 1839, durante dos quais "índios, caboclos e escri vos, gente de toda a espécie, engrossando-lhe as fileiras, vingavam-se de

\* Convém notar que o "diretor" citado por Bates foi vindo por uma lei do Império e não era mais aquele do Diretório de Pombal.



afrentas, de mãos tratos, de explorações" (Reis, 1931:172). À cabanagem teve como desfecho a anistia, quando os últimos rebeldes (segundo consta, principalmente Mundurucús de Maués) entregaram as armas. Mas o Mundurucús *entrem de la* do *franco* (BATES).  
Em 1852, a comarca do Alto Amazonas foi elevada a província. Esta mudança política era concomitante com transformações de ordem econômica e social, que merecem análise detida.

#### A EMPRESA SERINGALISTA, O AVIAMENTO E AGRICULTURA

A extração das drogas do sertão teve pouca significação em termos populacionais. Representou, contudo, a introdução de duas atividades econômicas na região que persistiram quando ela foi efetivamente ocupada: a agricultura de subsistência e o comércio, então já caracterizado pela instituição de aviamento, isto é, fornecer mercadorias e crédito para pagamento com produtos em espécie (Santos, 1977:53). Esta prática foi generalizada com a introdução da navegação a vapor em 1852, sendo dado grande impulso à economia no vale, pois nos vapores da Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas "o tempo era reduzido a menos de 1/6 e se transportava vinte vezes mais mercadorias" (Oliveira Filho, 1979:120).

Data da mesma época a instituição de propriedade de tipo capitalista da terra, ~~consolidada~~ através da lei nº 601 de 1850, a "lei de terras". Ela vai ser consolidada de forma desigual nas diferentes regiões, mas a partir de então estava formulada juridicamente a condição de mercadoria para a terra, tornando-se ela suscetível de apropriação legal.

A frente seringalista, funcionando em moldes capitalista, e sendo seu surgimento associado à demanda do mercado internacional, sempre esteve condicionada à dinâmica do capitalismo financeiro. Articulado a esta frente ocorreu, em 1877, o início da "grande imigração nordestina" (Santos, 1977:12).

Do ponto de vista da forma de produção, porém, não se pode dizer que a empresa seringalista seja tipicamente capitalista. Os agentes sociais envolvidos são o seringalista, o arrendatário, o gerente aviado, e os seringueiros. As mercadorias são aviadas aos seringueiros, sendo anotado se ele tem "saldo" ou "dívida" nos borradores. Mas apesar do registro ser efetivado em valor monetário, é frequente circular pouco ou nenhum dinheiro nos seringais. Os "patrões" (sejam seringalistas ou comerciantes) e os "regatões" (comerciantes que embora possuam barco para transporte das mercadorias são itinerantes e portanto os "fregueses" não os consideram "patrões"), detendo os meios de transporte necessários à comercialização, controlam o fornecimento dos aviamentos, tendo assim, certa margem de manipulação dos preços do produto em transação. Sendo generalizado o endividamento do seringueiro, ele fica, quando acumula dívida e não saldo, sujeito ao "patrão" e ao "regatão".

A empresa seringalista pode ser pensada como uma frente extrativista à qual estão associadas duas outras atividades econômicas: a mercantil e a agrícola. Sua instauração implicou na consolidação de uma agricultura de subsistência, cujo excedente tornou-se comercializável. Por outro lado, a coleta da castanha também se inscrevia dentro dos mesmos mecanismos de comercialização caracterizados pela instituição do aviamento (Santos, 1977).

No dizer de Oliveira Filho: "Pouco considerado em muitas formulações so

bre a fronteira, o controle dos meios de comercialização e financiamento da produção constitui um mecanismo fundamental para a instauração de um novo modelo de organização do seringal. No caso da Amazônia, representou um fator crucial para a realocação dos recursos anteriormente destinados à agricultura e outras modalidades extrativas, canalizando-os para a produção de goma elástica. Foi também um mecanismo de alta flexibilidade, pois atuou tanto sobre as grandes unidades produtivas baseadas na lavoura e no trabalho escravo, quanto sobre a produção de outras modalidades extrativas pelo ciclo em unidades dispersas, combinando a agricultura e a extração, ajustando ambos os tipos às novas demandas exercidas pelo mercado internacional. *ASPS ? (pág?)*

De acordo com Caio Prado Junior, a empresa seringalista teve curta importância. Como, apesar da decadência, as relações econômicas e tecnológicas permanecem inalteradas, seu significado na formação econômico-social amazônica não foi tanto em termos econômicos e mais nas persistências das relações sociais implicadas. *(pág?)*

Observa-se ainda hoje o controle da comercialização de produtos extraídos ou cultivados pelo trabalho sobre a terra. Seringueiros, castanheiros ou produtores de farinha podem ser vistos como camponeses, pois produzem para a sobrevivência. Mas em troca de bens e de necessários, "vendem" borracha, castanha ou farinha a comerciantes, tornando-se dependentes deles mediante dívida. Os comerciantes, vinculados a um capital comercial ou usurário, tem os meios de transporte necessários ao escoamento das mercadorias, e manipulam, por outro lado (no caso de serem grades) o poder local, ao menos no caso de Tefé.

#### IV - OS MIRANHA

##### HISTÓRIA DO COMIATO

Sabe-se, através de diversos cronistas, dos efeitos das frentes que atingiram o grupo Miranha sobre sua organização. O impacto destas frentes, contudo, acirrou respostas por parte destes índios, relatadas por estes cronistas. Como, porém, a visão destes homens é unilateral, deve-se enfatizar o caráter interpretativo desta compilação da visão de homens da época.

Von Martius, quando subiu o Japurá em 1870, até a cachoeira de Araracuaçu, *fronteira com a Colômbia*; encontrou os Miranha onde parece ter sido seu habitat durante muito tempo. Diz ele:

"A sua tribo é a mais populosa e numerosa de toda a bacia do Japurá, e leste da grande estreta: avalia-se em 6000 o número de indivíduos, que vivem desde o rio Cahuinari, a oeste, entre o Igá e o Japurá e o rio dos Enganos, e, portanto, sobretudo no lado meridional do Japurá. Segundo o tupáchaba Manoel, eles ocúpam as matas a 15 dias de viagem do rio para o interior, isto é, no mínimo 50 léguas de extensão. São várias hordas que falam dialetos diversos, e até se hostilizam umas às outras" (1976:210).

Diz Von Martius que na sua viagem rio Japurá acima conheceu indivíduos de doze tribos diferentes: Juris, Passão, Córucos, Coretus, Jumanas, Caui



Tinham o hábito de comer os inimigos, principalmente quando mortos em guerra. O "tupichaba", interrogado por Von Martius sobre os motivos da "antropofagia" de sua tribo, disse:

"É apenas questão de hábito. Depois de morto o inimigo, é muito melhor comê-lo que deixá-lo apodrecer. Caça grande é rara, porque não põe ovos como as tartarugas. O pior é a morte, não o ser comido: e, uma vez morto, para mim é indiferente que o umaú (cite ele, aqui, o inimigo figadal de sua tribo) me coma ou não. Não conheço caça de melhor sabor do que esta; mas é verdade que os brancos são muito azedos!..!Comer prisioneiro que eu possa vender, seria tolice. Caça sobe muito melhor do que sangue; mas o umaú, que prefere morrer de fome a ser vendido aos brancos, e que já comeu tantos de nós, logo trataremos de matá-lo"(1976:213). (nota)

Martius, descrevendo a organização política da tribo, diz que o "tupichaba era" conhecido e temido, não só entre os seus miranha, mas em todo o alto Japurá, por "ter bastante coragem e espírito de iniciativa para adquirir escravos de sua tribo e das tribos vizinhas e negociá-los com os brancos"... "Só o comércio com os brancos, que ela sabe controlar em nome de todos, parece que lhe deu supremacia, que ele faz valer entre os companheiros de sua tribo: de comissário comercial passou a ser chefe de horda"(idem:209).

Assim sobreviveram os Miranha. Traficantes de escravos, como contam os cronistas, os Miranha não foram extintos pela empresa mercantil das drogas do sertão. Diversamente dos Juris e Passés(Bates, 1944:227), cuja aperfeiçoamento da cosmologia é ressaltada por Martius(1976:188). Como resposta ao impacto da mercantilização, os Miranha transformaram-se em mercadores de homens. "O comércio estimulava os Miranha, até os dias de hoje, a oferecer como prisioneiros de guerra seus próprios filhos...", diz Koch-Grunberg(1909:89).

Em 1850, começa a segunda frente extrativista, a da borracha. Seu impacto trouxe sérias consequências para os Miranha, como a muitos outros grupos indígenas da região. Segundo Koch-Grunberg, os Miranha eram "temidos, odiados e respeitados por brancos e índios" Mas, apesar disso, muitos deles foram submetidos a crucheiros e comerciantes:

"Encontra-se hoje, os Miranha em colonias do Japurá, Tefé, Coari, Caiçara, e outros locais da Amazônia, como domésticos. Lá se distinguem pela grande obsequiosidade, inteligência e excelente qualidade de caçadores. Os Miranha foram transportados para os afluentes do sul do Amazonas: Purus, Juruá, Jutai, e outros, porque os senhores tinham dificuldade de transportar até lá trabalhadores brasileiros para a borracha"(1909:89).

O viajante demonstra ter ficado bastante repugnado e censurou os costumes Miranha, considerando-os um "povo bárbaro e antropófago; porém com interesse comercial em continuar em bons termos com os brancos(214). Apesar disso, Martius aceitou 5 dos 15 prisioneiros dos trinta que o "tupichaba" aprisionara (eram muriatés, que se encontravam em rixa com os carapená tapuyas),



A extração do caucho, modalidade mais predatória da atividade gomífera, posto que a destruição das "madeiras" tornava-a uma frente itinerante, atingiu a região entre os altos rios Içá (Putumayo) e Japurá (Caquetá) na virada do século. Sir Roger Casement, em 1912, denunciou à sociedade inglesa os crimes cometidos no Putumayo pelos caucheiros Peruanos. Entre 1900 e 1912, 4000 toneladas de caucho extraídas no Putumayo haviam custado a vida de 30 000 indígenas., na sua maioria Uítoto (Tastevin, 1921:479)

Colombianos e peruanos consideravam e tratavam os índios como animais. Conforme narra Collaer (1968:89), se a quantidade de borracha não satisfizesse os patrões, estes ordenavam ações indescritíveis, como massacres de crianças que serviam como alimento a cães de guarda, e moças indígenas curra das por esporte.

Segundo Tastevin, conflitos entre caucheiros peruanos e colombianos na região do Putumayo levaram os Colombianos a se deslocarem até o Caquetá, onde viviam os Miranha. O rio Japurá, até então praticamente desconhecido, foi retornado, dirigindo-se a ele uma corrente migratória. Conforme diz Tastevin:

"C'est vers lui qu'allors se dirigea le courant d'émigration qu'avait absorbé jusque-là les affluents plus riches de la rive méridionale. On se disputa avec apreté ces forêts vierges e ces îles où abondait l'hevea; en moins de deux années toutes les rives et toutes les îles du Japoura brésilien avaient leur propriétaire, sur une longueur de 700 kilomètres, e les Colombiens eux-mêmes, chassés du Putumayo par les Peruviens, venaient demander au Japoura de les aider à se réassir une situation honorable" (1921:442).

Koch Grumberg encontrou muitas aldeias destruídas, como pela guerra:

"Passamos várias vezes por antigos habitats indígenas. Uma maloca Miranha em Apaporis foi abandonada por medo dos Colombianos pois em Cahuineri muitos Miranha tinham sido mortos. Na margem esquerda da ilha de Agutinuru tinham morado Miranha Carapanã Tapuyo. Foram mortos ou fugiram. Em um outro lugar da margem direita o chefe dos Miranha Arara-Tapuyo tinha morado numa grande maloca com muitas pessoas. Todos foram mortos. Encontrava-se nas vizinhanças a capoeira de um brasileiro. Os Miranha o tinham golpeado com um machado porque ele os tinha agitado" (1910:213)

Na época da 1ª guerra mundial, porém, conforme diz Tastevin, a produção cultivada do extremo oriente inundou o mercado, o preço da borracha baixou e a evasão daqueles que tinham sido os desbravadores do Japurá não foi total porque não tinham crédito que lhes possibilitasse a viagem de volta. Mas a terra fértil permitia a agricultura e muitos caucheiros e comerciantes talvez a tenham usado como trampolim para engrossar a ala dos comerciantes que dominavam a economia e a política da região centrada em Tefé.

Para os índios, porém, a frente da borracha trouxe consequência irreversível. Os sobreviventes das "correrias" e de condições de trabalho pouco nobres tiveram por força de adaptar-se aos tempos de déficit da máquina mercantil.

Os Miranha ~~eram~~ eram linguisticamente independentes. Segundo Koch Grumberg, (1910), se os Carapanã pode com alguma probabilidade estar incluído no grupo Witoto, o idioma Dirá Açu Tapuyo não pode ser classificado em nenhum grupo.

#### IV . COMPILAÇÃO DA HISTORIA ORAL DOS MIRANHA

Apesar da memória social do grupo revelar dados referentes à sua vida no Alto rio Japurá, apenas pode ser alcançada certa coerência cronológica e discursiva a partir do momento em que migraram para o lugar onde vivem hoje, no lago do Uarini, em condições de vida semelhantes aos pequenos produtores não índios seus vizinhos. Por outro lado, deve-se enfatizar que esta compilação tem caráter interpretativo, e podem ter sido omitidos dados relevantes à história do contato do grupo, durante sua coleta. Como não foi usada de maneira geral gravação (com exceção de dois momentos: uma assebleia indígena e uma entrevista a Antônio Cavalcanti), alguns fatos podem estar distorcidos.

Segundo relatos dos próprios Miranha, até aproximadamente 1920 o grupo viveu no rio Cahuinari, afluente do Apaporis, afluente do Japurá. Eram perseguidos por "colombianos caçadores de índios", e empregados em condições desumanas de trabalho na extração da sorva e do caucho. Fugiram para um lugar de nome Samaúma. O tuxaua àquela época chamava-se José Trovão, e desceu o rio Japurá em busca de terras para os índios morarem. Descobriu boa terra e castanheais no lago do Uarini, e foi chamar os Miranha, instalando-se aí cerca de 50 homens.

Visto que os Miranha hoje não falam mais sua língua tradicional, e seus hábitos não correspondem aos descritos por Martius, mas são bastante semelhantes aos da população regional, morando em casas de palafita que abrigam famílias nucleares; pode ser levantada a suposição de que o abandono do território tradicional teria sido um fator de fragmentação da identidade étnica Miranha. Um depoimento do velho Antônio Cavalcanti dá algum fundamento a estas conjecturas:

"Eles mataram um colombiano... Depois que os colombianos se juntaram, e mataram eles no Japurá... Aí os colombianos se danaram, e foram matando os índios. Aí eles fugiram... Aí vieram de lá... Aí então José Trovão sabia que tinha muito índio espalhado. E como ele era tuxaua, queria juntar prá ageritá aqui na aldeia dos índios. Aí aqui já tinha. Então, com o que tinha aqui, os de lá ele ia chamando pré cá. Então aqui tinha muitos... Aí o Trovão não queria que os pequeno falasse gíria. Aí ele dizia: Um dia vocês vão aprendê pré sê branco. Aí ele só queria que conversasse na língua dos brancos... Aí, quando eles ia dança na dança deles, aí ele mandava os pequeno dormirem... Aí foi morrendo quase todo o mundo. Foi morrendo das moléstia... Sobrou pouquinho mesmo, mas mesmo assim foi morrendo. Sobrou papai, mamãe, e pai do Adriano. (antigo tuxaua, irmão da mãe do atual tuxaua). Esta velha, mãe do Adriano (avó do atual tuxaua) ... não é cabocla legítima não. Ela é Mura, do baixo Amazonas. O tuxaua queria que casasse com branco pra aprendê a língua, por isso ficou tudo cruzado... Agora tô eu sozinho, no meio dos caboclo..." (depoimento de Antônio Cavalcanti).

Apesar da reserva ter sido demarcada pelo antigo SPI, na década de trinta, contou os Miranha que Isidoro Sampaio, "inspetor de índios", arrendou o terreno para a família Mota, de comerciantes que controlavam as transações no lago. Antonio Mota "botou barracão" dentro da aldeia, e José Trovão só permitia que

a castanha fosse vendida para esta família. O sucessor de José Trovão como Tuxaua foi Joaquim Diogo.

Após a morte, contudo, de um terceiro Tuxaua, Gregório Monteiro, durante forte epidemia de catapora e febre amarela, por volta de 1950, o grupo desestruturou-se, ficando cerca de doze anos sem liderança. Durante este período, os Miranha se viram totalmente submetidos aos comerciantes locais, e suas terras eram frequentemente invadidas, inclusive pela polícia. Desorganizados, não podiam resistir à exploração econômica e social. O fato de serem índios agravava a situação precária em que viviam, dada a grande discriminação étnica na região.

Em 1962, portanto, o terreno estava como se fosse sem dono. O INCRA, instalado em <sup>Mirante</sup> Manaus, passou a dar titulação de propriedade a terceiros, sem a devida fiscalização na área, mediante apenas o pagamento de uma taxa. Tal fato levou os Miranha a se ~~reunirem~~ reunirem. Adriano Pereira Cordeiro, eleito Tuxaua, foi à delegacia da FUNAI em Manaus e verificou que titulação de propriedade da terra fornecida pelo INERA era ilegítima, pois a aldeia de nome Miratu constava nos registros do antigo SPI.

A ação do MEB, com sede em Tefé desde 1964 tem procurado "despertar o homem para os seus problemas", conforme afirmou sua atual coordenadora, Dirce Batalha Maranhã. Seus objetivos são grupalização, alfabetização, suplência, suprimento e qualificação e vem ministrando cursos radiofônicos de alfabetização, formação de liderança, educação sanitária, sindicalismo, etc. Visite mensalmente as 40 comunidades de sua jurisdição, realizando cursos intensivos. Dois monitores da própria comunidade de Miratu, treinados pelo MEB, alfabetizaram toda a população adulta e mantêm desde aquela época cursos de <sup>U</sup> Moral, Supletivo e Primário.

A Prelazia de Tefé, a partir de 1970, quando aderiu à "opção preferencial pelos pobres" traçada no documento de Medellín pela CNBB, iniciou os cursos de formação de agentes pastorais e comunidades eclesiais de base (nota).

Foi formada, assim, uma liderança com elementos da própria aldeia. Os miranha afirmaram que elementos de fora disputaram o poder, mas o grupo não permitiu, senão "ia feboixar de uma vez os caboclos...", afirmando também: "Muitos brancos, dona, queriam tirar esta terra da gente... Quando num tinha a tutela, aí que a gente ficava sem rumo"... Aí que apareceu o Adriano. Aí depois de muito tempo, que ele pelejou, aí teve a tutela de novo..." (trecho de um depoimento de Antonio Cavalcanti).

(nota) Em 1893, os padres do Espírito Santo começaram a paróquia de Tefé, sendo a Prefeitura ~~de Tefé~~ Apostólica de Tefé fundada em 1910. Em 1950, foi elevada a Prelazia e Monsenhor Joaquim du Lange nomeado bispo prelado. Em 1981 será elevada a Diocese e Monseñor Mário(?) será nomeado seu bispo (boletim de coordenação Pastoral da Prelazia de Tefé. 1980, nº 4)

Com excessão de existência de um tuxua, peculiar aos grupos indígenas, a organização da liderança porém é a mesma de qualquer comunidade eclesial de base, delas distinguindo-se apenas por serem índios (conforme afirmou a presidente do MEB, as comunidades indígenas são melhores porque são mais unidos). Entre os líderes de Miratu, que dirigem as reuniões que ocorrem regularmente aos sábados, atuam, assim, dois monitores, um "animador de comunidade", e "agente sindical", uma "catequista", a "presidente do clube de mães" etc.

Os Miranha, como toda a população do lago do Uarini, coletores de castanha e produtores de farinha de "mandioca brava", continuaram submetidos aos comerciantes do lago. Estes, com ligações com os grandes comerciantes que dominam a economia e a política de Tefé, possuem barcos através dos quais podem transportar mercadorias ~~transportadas~~ compradas em Manaus a preços duas vezes mais baratos do que vendem no Uarini, e comprar seus produtos pela metade do preço pelo qual vendem.

Em maio de 1973, o padre Francisco Bazelmans, de nacionalidade holandesa (nome do pároco de Uarini em 1969), comprometeu-se a pagar os débitos dos habitantes do Uarini com os comerciantes locais caso os primeiros trabalhassem nos campos de uma cooperativa presidida pelo próprio padre Francisco durante 5 anos, entregando a esta todos os seus produtos. Os "fregueses", comunicados pelos comerciantes, consideraram-se "livres" do débito. Mas não aceitaram as condições de trabalho impostas pelo padre. Este, por sua vez, não pagou aos comerciantes ao se ver sem pessoas para trabalhar em sua "cooperativa". Os produtores do Uarini, entre eles dos Miranha do Miratu, viram-se, desta forma, "livres" de sua dívida contraída com os comerciantes locais até fins de 1972. Como não tinham outra forma de colocar seus produtos no mercado, nem de obter mercadorias, continuaram a contrair dívidas em todas as "borradores" dos comerciantes. Mas, a partir de então, não tinham apenas um patrão a podiam vender a quem pagasse mais, entre os comerciantes.

A sede de Tefé do Banco do Brasil, a partir de 1975, passa a financiar os pequenos produtores rurais da região, inclusive os índios, mediante apresentação de carta de anuência do Tuxua. Este financiamento permite que não dependam exclusivamente dos comerciantes. Mas, além dos juros serem cada vez mais altos em relação ao pequeno montante do financiamento, os gastos em transporte e tempo de trabalho para a obtenção do financiamento são muitos, e muitas vezes os Miranha tem preferido serem financiados pelos próprios comerciantes. É interessante acentuar que os Miranha consideram o banco com uma espécie de "patrão", pois dele dependem e a ele devem.

Em 1972, é instalada em Tefé a filial da cooperativa de produtores rurais, sediada em Manaus. Seu objetivo é comercializar através da sede a produção agrícola da região, e distribuir os lucros entre os associados. Segundo os Miranha, uma parte desses lucros serve para cobrir os déficits de alguns produtos, e o restante paga o salário do pessoal administrativo da cooperativa ("mineiros") ou ainda é distribuída pelos associados que são proprietários médios, muitas vezes funcionários da EMATER, organismo público encarregado de assistir tecnicamente os pequenos produtores rurais.



## ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS (nota)

Vivem hoje cerca de 260 pessoas na aldeia do Miratu, no lago de Uarini, município de Teffé. Os membros deste grupo, constituído por 36 famílias nucleares, são produtores rurais. A área de 7.625 hectares ocupada pela aldeia de Miratu é utilizada de acordo com as atividades exercidas pelo grupo: Agricultura, coleta, pesca, caça, atividades artesanais. As principais atividades a que se dedicam os Miranha são a cultura de mandioca, e a coleta de castanha, cujo excedente vendem aos comerciantes locais e dinheiro. Recebem o dinheiro antecipadamente, se comprometendo a entregar a quantidade de sacas de farinha ou "medidas" de castanha estipuladas na transação após as etapas de trabalho que vão se materializar no produto. A área é de propriedade comunal, assim como o castanhal, mas as roças são de propriedade de cada família.

É utilizada para a produção da mandioca a técnica tradicional da agricultura de Coivara. Cada família cultiva duas ou mais roças em lugares e momentos diferentes, a fim de combater a queda da produtividade da terra. Cultivar as roças em terrenos próximos do várzea. As primeiras roças são plantadas próximas às casas, afastando-se à medida que a produtividade se reduz.

Das várias etapas componentes de sua técnica agrícola (queimada, derruba, coivara, plantio, casina e colheita), apenas a derruba é trabalho exclusivamente masculino, sendo as restantes realizadas por toda a família, e recorre-se também ao trabalho infantil. São utilizados como instrumentos agrícolas a enxada, o machado e o terçado. Todas as 36 famílias têm Casa de farinha com o forno, e 4 têm o motor para secar a farinha. Produzem no Miratu a farinha de mandioca, que pode ser "especial" ou "comum". A farinha "especial" exige que a mandioca colhida e posta de molho na beira dos igarapés para fermentação seja retirada da água antes do final do terceiro dia. Caso contrário, a farinha feita com "mandioca passada" adquire uma coloração de amarelo mais escuro. Após ser retirada d'água, a mandioca é descascada, amassada, seca, peneirada e torrada em fornos de barro. A farinha especial é conhecida como farinha do Uarini e apreciada em todo o estado. Produzem também a farinha de tapioca, ou farinha d'água e a farinha de 'curuliro'. A produção destinada ao mercado é acondicionada em sacas de aproximadamente 60kg.

As roças são de propriedade de cada família, mas praticam largamente o ajuri, ou troca de trabalho, costume que constitui tradição em toda a região. Segundo o atual Tuxaua, Lino Pereira Cordeiro, existem roças de tamanhos diferentes (de 1 a 6 hectares) porque o que se troca é o resultado do trabalho em produtividade e não o tempo ou o preço do trabalho. Dependendo da em

(nota) Foi utilizado para este ítem, além de observações pessoais, o relatório da antropóloga Sílvia Tafumi, apresentado à FUNAI em 1977. Este relatório foi discutido e atualizado em reunião com a comunidade dia 28 de fevereiro de 1981.

bição ou da necessidade de cada família, assim as roças são de tamanhos diferentes. O trabalho assalariado e a meia vez sendo utilizados após a entrada dos financiamentos, mas o ajuri é considerado mais compensador, pois como troca coletiva de trabalho é conveniente para a superação das etapas da roça, afirma o tuxaua.

Durante minha estadia na aldeia, observei contudo contradições dentro do grupo entre a apropriação coletiva e familiar do terreno. Durante uma as sembléia, o antigo tuxaua Adriano Pereira <sup>de Souza</sup> ~~Cordeiro~~ esclareceu da seguinte maneira uma discussão acirrada entre os membros do grupo:

"Para eliminar problemas, eu fiz assim: para ver se podia melhorar a situação do povo, então eu dividi. Pensando que era para um respeitá o direito dos outros. Pensando assim, pro povo não pegá e invadê a capoeira dos outros... Essa propriedade é nossa. Dentto desta propriedade gratuita que é de todos, é o lugar dos Índios, tem o Miratu de Baixo, tem o Miratu de Cima, tem o Igarapé do Tazaira, tem o Igarapé do Arreiaá. O Miratu de Baixo pertence ao Joaquim Braga, o outro pertence ao Inácio, o Miratu de cima pertence ao Miguel, ao Adenor, Edilson. Aqui em cima, pertence ao Antonio Cavalcanti, o Zé Batista, o Luís, o João Cordeiro, Edésio. Mais para cima, pertence ao Inácio, pertence ao Estevaldo, pertence ao João Governo. Aqui, a Caetana, pertence a mim, o Otávio, Eugênio, estas coisas assim. Mas, englobando tudo, é nossa. A propriedade é nossa. Porque eu não posso dizê que pertence a um ou ao outro, porque foi dividido bocalmente, e ninguém pode brigar dizendo que é de um ou de outro. Se não tiver amor e união, não tem terreno grande nem pequeno!.. "Agora, para que êta possa melhorar, para funcionar direito assim, é preciso que todo o mundo trabalhe para si e para o melhoramento da comunidade".

A coleta da castanha, de acordo com o relatório de Sílvia Tafari, é realizada durante os meses de dezembro, janeiro, fevereiro e março, com a participação de toda a comunidade. Paralelamente dedicam-se à caça. O castanhal, no "centro" (da mata) é propriedade coletiva dos moradores. A atividade é iniciada após a limpeza do terreno ao redor das árvores e abertos os varadouros entre a aldeia e os "pontos" (local de estoque da castanha). Durante os 4 meses da coleta, as famílias mudam para o "centro". Ao longo do castanhal, encontram-se vários "tapiris" (barracos onde moram as famílias apenas durante este período). Eventualmente, as famílias retornam à aldeia, para a compra de mantimentos. Como o castanhal fica a aproximadamente tres horas de caminhada ininterrupta da aldeia, e os "pontos" em geral distantes uns dos outros, os Miranha percorrem grandes distâncias carregando toda a produção nas costas, em cestos. Quando eles consideram que o preço da castanha está baixo, como no início de 1981, preferem se dedicar exclusivamente à agricultura, fonte mais certa de rendimento. Quando, porém, eles consideram conveniente ir ao "centro" coletar a castanha, a produção soma 200 hectolitros/ano, total equivalente a mil latas. Em média, um homem adulto junta e quebra 4 latas diárias.

Observei discussões entre os Miranha também no que se refere à utilização do castanhal. Disseram que a coleta da castanha sempre foi razão de grande

disputa. Segundo depoimento de Dona Nena, presidente do clube de mães:

"Seu Adriano queria fazer uma cooperativa de castanha, mas aí pingava mão de gato aqui dentro mesmo. Aí eles brigavam pela castanha, aí o movimento não foi prá adiante. Acabou em nada. Aí eles soltam pros marqueteiros. São desunidos. Aí eles tiram a castanha de quem já está botando. Se tornou em nada. O Lino fez uma reunião, e disse para entrar todo o mundo em grupo e depois ajuntar a castanha e trazer cá para a sede, e aí ele ia fazer a venda... Mas não deu em nada. Agora tem gente lá de baixo que já estão quebrando. Na hora da reunião, eles falam que fazer o trabalho. Mas depois,...começam com safadeza..."

Colêtam também frutas, cocos, mel; barro para utensílios domésticos; cipós, fibras; cascas; breu; genipapo; folhas de palmeira; cuias, sementes e contas.

As árvores são de propriedade coletiva dos moradores, e seu abate é permitido apenas para seu uso, não havendo nenhum comércio de madeira. Para o abate, se utilizam de machado, roladeira, e a força física.

A pesca é geralmente atividade individual ou de dupla, e serve ao consumo familiar. Apesar de ser atividade predominantemente masculina, a pesca também é praticada por mulheres, em locais próximos à aldeia. Usam anzol, flecha e pesca de "ficho", assim como "araadilha". Os locais de pesca são próximos à aldeia, e domus a todos. Entre os peixes, temos o tambaqui, pirarucu, tucunaré, pesca da branca, curimatã, matringão, jaraqui, mandi, piritipinga, sardinha, cuiu-cuiu. Pescam também tartaruga, tracajá e cabeçudo. Os peixes são trocados ou vendidos entre os próprios moradores da aldeia.

A escassez dos peixes nos lagos e igarapés é cada vez maior. Os moradores falam dos barcos pesqueiros, vindos de Manaus, invadindo o lago do Uarini, onde a pesca é proibida pela SUDEPE em caráter comercial. No período das cheias, esta atividade pesqueira é altamente predatória, visto que os peixes se encontram ovados. Eles podem se esconder para longe dos pesqueiros, mas quando isto ocorre não desovam, estando assim em processo de extinção.

A escassez da caça, dada pela invasão de caçadores brancos, para a captura de animais <sup>para carne como</sup> tanto para a pele, tornou a caça uma atividade complementar. (São alimentos básicos do grupo o peixe e a farinha). Entre os animais mais encontrados, temos a anta, o queixada, o macaco, tatu, veado, lontra, jacaré, caimito, mutum, nhambú, arara e capivara.

A finalidade básica da criação de animais é o consumo. Atualmente, 14 famílias criam porcos, 6 famílias criam cada uma 25 cabritos, 6 criam patos, no total de vinte, e existem 6 cavalos na aldeia, de propriedade individual.

V. IDENTIDADES ÉTNICAS

O universo dos Miranha é a ~~aldeia~~ de Miratu, onde moram; a vila do Maranhão, onde compram e vendem; e a cidade de Tefé, freqüentada regularmente por eles, onde interagem com representantes de agências da sociedade nacional, como a EMATER, O BANCO DO BRASIL, A COOPERATIVA.

O grupo não forma, contudo, uma unidade. Ao contrário, verificam-se no seu interior, conflitos concretos e as identidades emergentes deste conflito apresentam-se em disjunção. Mas pode ocorrer identificação entre estas oposições.

Para fins de análise, separarei as identidades encontradas dentro da aldeia de Miratu, para em segundo lugar classificar as oposições entre identidades quando o conflito não se dá no âmbito da aldeia.

Dentro do Miratu, temos como categorias mais inclusivas as de "índio" e "não índio". Na primeira categoria, temos os "Miranha", "Tukuna", "Mura". Na segunda, temos o "cruzado", "amazonense", "cearense", "caboclo", "peruano", "arijó", etc. Estas categorias foram evidenciadas em um depoimento do filho de Antônio Cavalcanti:

"Os Miranha, tudo era parente para eles. Agora não. Agora tem os que é parente e tem os que não é parente. Não somos mais o sistema deles. Agora tem os que considera branco, os que considera caboclo, aí nem pode se unir, né? Aquele tempo não tinha branco. Tudo era caboclo. Então se tratava tudo como parente. Aí acabou os caboclo. Porque aí era só papai, e esses outros variados. Aí entrou esses outros, que já era cearense, né? Cruzado, que não era caboclo. Antes vinha os brancos, só visitar. Não vinha morar aqui dentro. Só era mesmo os caboclo que morava."

~~Observa-se que o informante se refere~~ Observe-se que o informante se refere a Miranha e caboclo na terceira pessoa. Ele é, porém, filho ~~desses~~ dois únicos Miranha que ainda falam a língua, se bem que casado com uma amazonense. Suponho que ele se refere aos Miranha como sendo outros, porque como o depoimento explicita, a organização do grupo foi fragmentada com a entrada de elementos de fora. Mas isso não implica que a <sup>indígena</sup> identidade ~~Miranha~~ não seja acionada, principalmente em casos de defesa do território. Na organização política, por outro lado, mantém a chefia Miranha, fator, como vimos vital para a sobrevivência do grupo enquanto tal.

Visto que o terreno é comunal, e de propriedade "dos índios", ~~esses~~ <sup>miranha</sup> moradores acionavam identidades em discussões em que disputavam o uso deste terreno. Seriam objeto desta disputa o castanhal, capoeiras, etc e os miranha acionavam as identidades como fatores que condicionariam a apropriação. Ser "filho da terra" e "não ser filho da terra" opunham-se como fatores de pertinência ou não ao grupo em disputas por recursos. Isto se aclara no depoimento de Marilza:

"Se eu fosse o chefe, dona <sup>fiscila</sup> fiscila, eu não deixava ninguém de fora tirar a castanha. Porque aqui tem gente de fora que não é caboclo que tira a casta



nha, Eles moram aqui dentro do Miratu. Eu já conversei com o Lino, Adriano, eles só falam que só quero tudo pra mim. Eles já tiraram tudo desta terra e ainda vão tirar a castanha? Eu na minha mente não consente com isto. Eles fazem canoa, tiram madeira, e tiram financiamento com esta terra...Eles não fazem casa, não fazem nada. Este moço daí. Já fez financiamento com esta terra, já comprou máquina, motor, tudo com o dinheiro desta terra..."

Segundo contam, estas discussões são antigas. Segundo o atual tuxeua e o antigo tuxeua, ser "filho" ou não da terra não é critério de pertinência ao grupo.

"Não posso dizer que este castanhal é meu, porque eu sou nascido aqui, e fulano não é? Não. Eu penso assim: os membros daqui, os filhos daqui, é lá que eles trabalha, né? Lá que eles mora, né? Se ele sair, não é porque ele é filho daqui que ele vai ter que voltar. Se ele quiser ficar aqui, então ele volta. Se um homem de fora não está trabalhando bem, então eu acho melhor mandá-lo embora. E eu também. Se eu num tô trabalhando legal, então eu acho melhor sair, porque senão não vai pra frente esta comunidade. Ou eu vou trabalhar em grupo com eles. Não individual, né. Pode ter um filho da terra que saiu para procurar a melhora dele e um homem de fora que veio e é bom cooperador. Eu fico com o de fofa"(depoimento de Adriano em Assembleia)

Em uma discussão que presenciei a respeito da propriedade de uma capoeira, ~~mas~~ a afirmação da identidade indígena não implicava a negação de outra identidade. A maioria do grupo em assembleia acabou por concluir que o "índio" ("herdeiro da terra") identificava-se como o arigó, reconhecendo-lhe, (considerando-o "bom cooperador") o direito de "herdeiro da terra".

Fora do âmbito da aldeia, em Tefé, as identidades mais inclusivas seriam também as de "índio" e "não índio". Na primeira categoria, teríamos os "miranha", "cambéba", "mayoruna", "tukuna", etc. Na segunda, "mineiros", "caboclos". Se traçássemos uma linha de classe, teríamos de um lado os índios e os caboclos; pois estas categorias seriam unificadas no discurso dos "mineiros" ("a mesma coisa", "preguiçosos", etc)(nota). ; O discurso dos caboclos, porém expressa uma recusa a serem identificados como "índios".

~~Exatamente~~ De outra parte, pareceu sugestiva a emergência, neste terreno de oposições, da categoria "índio" em um sentido genérico. Esta categoria surge no discurso da Práxia de Tefé, que vem organizando assembleias entre nações indígenas em sua área de atuação. Esta categoria "índio"(genérico) aparece com um sinal positivo no discurso de muitos miranha, cambéba, mayoruna

---

(nota) afirmaram, em Tefé, que certo "mineiro", funcionário da EMATBR, tinha em sua propriedade média dois empregados e um "índio". Ao índio, ele não pagava salário. Esta afirmação revela ao menos que a identificação entre "caboclos" e "índios" no discurso dos "mineiros" é de natureza ideológica, pois na verdade eles são vistos como diferentes.

com quem convivesse. Estes vem organizando assembleias intertribais mesmo sem o apoio direto da Prelazia, assembleias que possibilitam a meu ver um momento de identificação intertribal, onde o índio fala em seu próprio nome e afirma sua identidade étnica diante dos brancos.

## VI CONCLUSÃO

A História da Amazonia, encerrada do ponto de vista dos índios, foi a história da apropriação de seu território, de seu trabalho, e trouxe consequências graves para eles. Aos missionários coube a tarefa inicial de, catequizando o gentio, criar as bases espirituais e econômicas da coroa portuguesa.

Sabe-se, através de cronistas que anteriormente ao contato, os índios da região do Japurá-Solimões, não constituíam uma unidade. Inimizades intertribais eram muitas vezes motivo de guerra e as distintas hordas dos Miranha, de dialetos diversos, hostilizavam-se constantemente, sendo costume comer os inimigos mortos.

Quando o extrativismo das drogas do sertão e o apresamento de escravos indígenas eram as principais atividades econômicas na área, os Miranha participavam delas, colaborando com o tráfico, e vendendo aos comerciantes seus próprios filhos, além de cativos de tribos e hordas inimigas.

Trabalhando na extração colombiana do caucho, na virada do século XX, muitos índios foram mortos ou dispersos no Alto Japurá. Alguns sobreviventes Miranha migraram para as margens do lado do Uarini, onde se tornaram produtores de farinha do Uarini e coletores de castanha. O território onde vivem (delimitado pelo SPI), é considerado propriedade comunal dos "índios". Mas eles são submetidos aos comerciantes locais, pagando-lhes a "renda da terra" no produtos vendidos a preços injustos. A entrada de financiamentos pelo Banco do Brasil não alterou a situação, pois a dívida é apenas transferida.

Fragmentada o grupo Miranha, referem-se a estes como "outros" dentro da aldeia, "miranha", "tukunas", "muras", "cruzados", "amazonenses", "arigós", "peruanos", etc, participam de disputas por recursos. Ser "filho da terra" e "não ser filho da terra", ser "individual" ou ser "bom cooperador" contrapõem-se nestas disputas. Mas a identidade indígena é colocada em ação para garantir a chofia Miranha e consequentemente defender a "terra dos índios".

Mas de um terreno de oposições, podem surgir identificações entre categorias contraditórias como "índio" e "não índio", ou distintas nações indígenas.

O tuxua Lino P. Cordeiro, por exemplo, insatisfeito com a falsa tutela da FUNAI, fundou junto com outros produtores não índios de Tefé o sindicato de trabalhadores rurais na região, tendo em vista defender junto com eles os seus direitos. Categorias diversas reconhecem assim que pertencem a um grupo dominado dentro da sociedade de classes.

Em reuniões semanais, os Miranha discutem as formas de se libertarem dos patrões. A solução encontrada tem sido vender a produção diretamente em Manaus. Não possuem, porém, barco para esta empresa, e encontram como obstáculo rivalidades internas (mesmo se ~~for~~ fossem superadas estas dificuldades, não poderiam

alterar a realidade do sistema de preços) .

Por outro lado, em assembleias indígenas realizadas com o incentivo da Prelazia de Tefé (considerada como aliada pelos índios), grupos diversos descrevem suas diferenças e semelhanças. Os Miranha, conhecendo os Kanamari em uma assembleia intertribal, falam deles como um grupo que, apesar de ter mantido as tradições e a língua, é mais explorado pelos "patrões", pois no Alto Rio Jotai onde moram o clientelismo do seringal os submete totalmente.

Mas a categoria índio em um sentido genérico adquire sinal positivo, sendo, revertido o estigma, afirmada diante dos "patrões". Tinge-se o presente com um colorido utópico; Na festa do carnaval, por exemplo, os Miranha "ocupam" a Vila do Maranhão (residência dos comerciantes), dançando várias noites consecutivas como foi descrito por Martius. Estavam presentes pessoas de outras comunidades e o músico convidado foi o tuxaua da aldeia de Méria (Miranha); sendo eleita "Rainha do Carnaval" uma Miranha.

PIBLIOGRAFIA

- BALANDIER, Georges - Antropologia Política - Editora Universidade de São Paulo  
DIFEL - 1969
- BATES, Henry Walter - "O naturalista no Rio Amazonas" - Brasiliense, 1944
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto  
1968 - "Problemas e hipóteses Relativos à Fricção Interétnica - Sugestões para uma metodologia". América Indígena, vol 28, nº 2, Mexico. p. . . .  
1972 - "O Índio e o Mundo dos Brancos" Livreria Pioneira Editora - S. Paulo  
1976 - "Identidade, Etnia e Estrutura Social" Biblioteca Pioneira Editora - SP
- COLLIER, Richard - "The River that God Forget" - Collins, St James Place, London,  
1968
- FERNANDES, Florestan  
1963 - "A Ocupação Portuguesa no Vale Amazonico" in História Geral da Civiliza  
ção Brasileira" tomo I, volume 1 - org: Sérgio Buarque de Holanda
- FIBRE  
1957 - Enciclopédia Brasileira dos Municípios - vol XIV - Amazonas, Pará, Ter  
ritórios -  
1990 - Censo Demográfico
- GLUCKMAN, Max  
1968 - "Politics, Law and Ritual in Tribal Society" - Aldine publishing Compa  
ny - Chicago
- JOBIM, Anísio - "Panoramas Amasonicos" - Tefé Phenix, 1937 - Manaus
- KOCH GRUMBERG :  
1909 - Zwei Jahre Unter Den Indjanern - Reisen in Nordwst Brasilien (1903/1905)  
I. Berlin (tradução de Daynéa Faulhaber Barbosa).  
1910 - "Die Miranya - (rio Yapurá - Amazonas - Zietschrift fur Ethnologie XVII,  
Berlin (tradução de Daynéa Faulhaber Barbosa)
- MELATTI, Júlio Cesar -  
1977 - "Quatro séculos de Política Indigenista" in Atualidade Indígena nº 3
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de  
1977 - "As facções e a ordem política em uma reserva Tukuna" - Dissertação  
de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social  
da UNB.  
1979 - "O Caboclo e o Brabo" - Encontros com a Civilização Brasileira - RJ



PRELAZIA DE TEFÉ - Boletim

REIS, Arthur Cesar Ferreira

1931 - "História do Amazonas - IGHA - Manaus

SANTOS, - Roberto -

1977 - "História Económica da Amazônia (1800-1820)

SPIX E MARTIUS -

1976- "Viagem ao Brasil - 1817 a 1820- vpl III - Edições Melhoramentos -  
INL

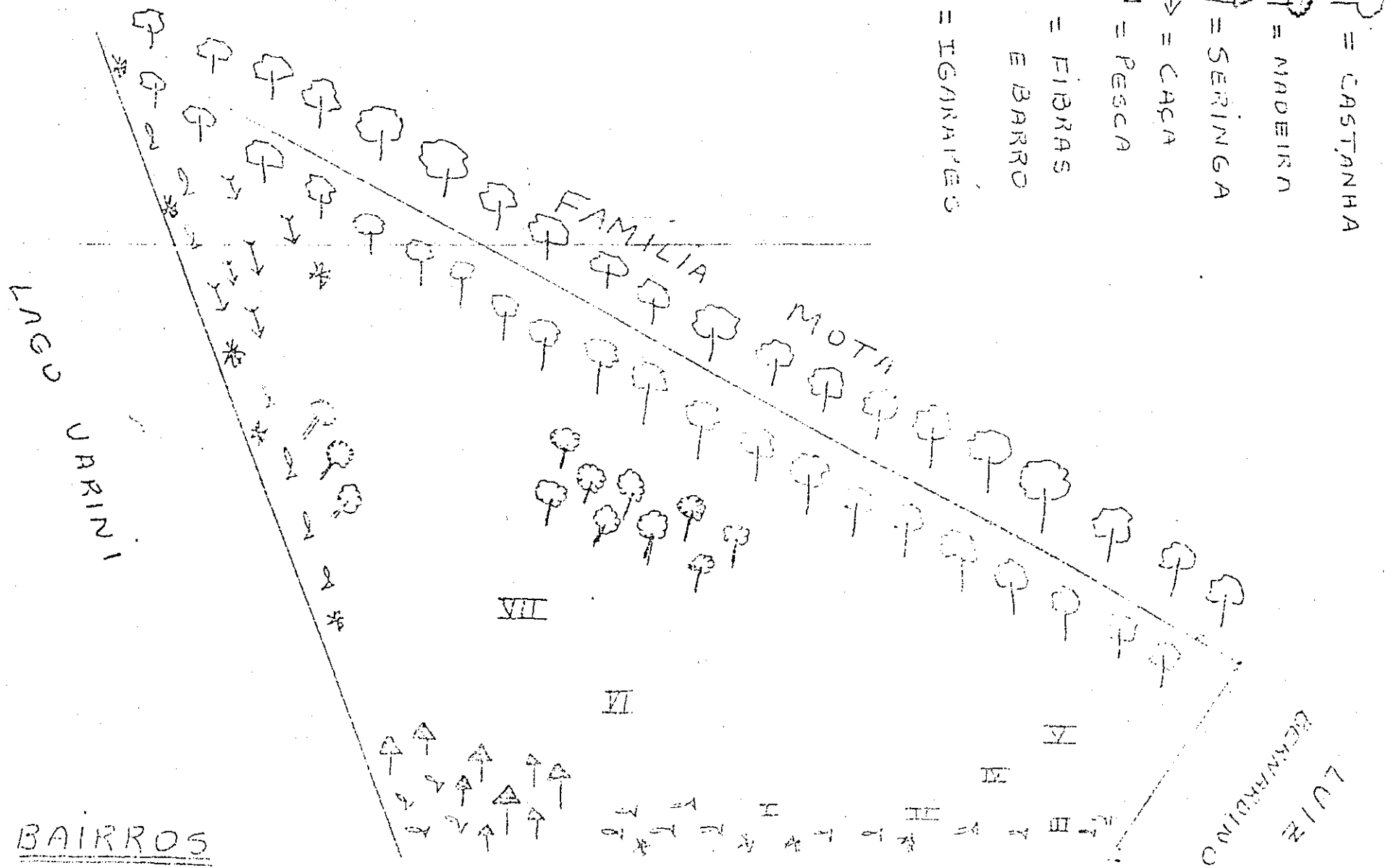
TASTEVIN, Constanti - "Une Course Apostolique au Fleuve Japoura-Caqueté in  
"Les Missions Catholiques - LYON - n° de 17 de agosto a 4 de novembro de  
1921

VALLE DE AQUINO

1987 - "Kaxinauá - de seringueiro 'caboclo' a peão 'acreano' . Brasília -  
Universidade de Brasília. 1977 (mimeo)

LEGENDA

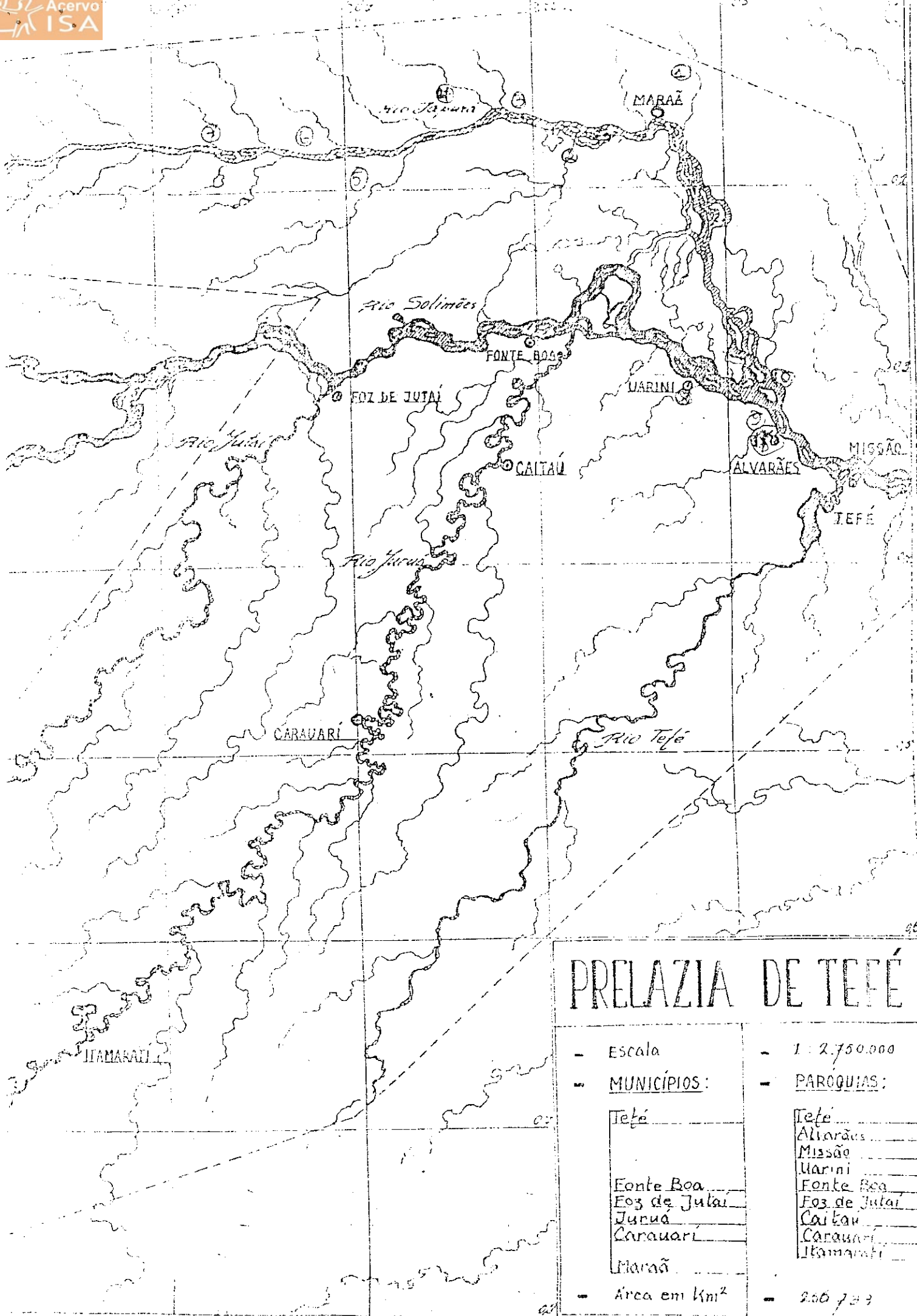
- = CASTANHA
- = MADEIRA
- △ = SERINGA
- ↕ = CACA
- ♂ = PESCA
- \* = FIBRAS
- = BARRO
- = IGARAPÉS



BAIROS

- I - MARIA CAETANA
- II - TA PEREIRA
- III - BARROSO
- IV - MIRATU DE BAIXO
- V - MIRATU DE CIMA
- VI - SEM NOME

Desenho de Silveira Costa



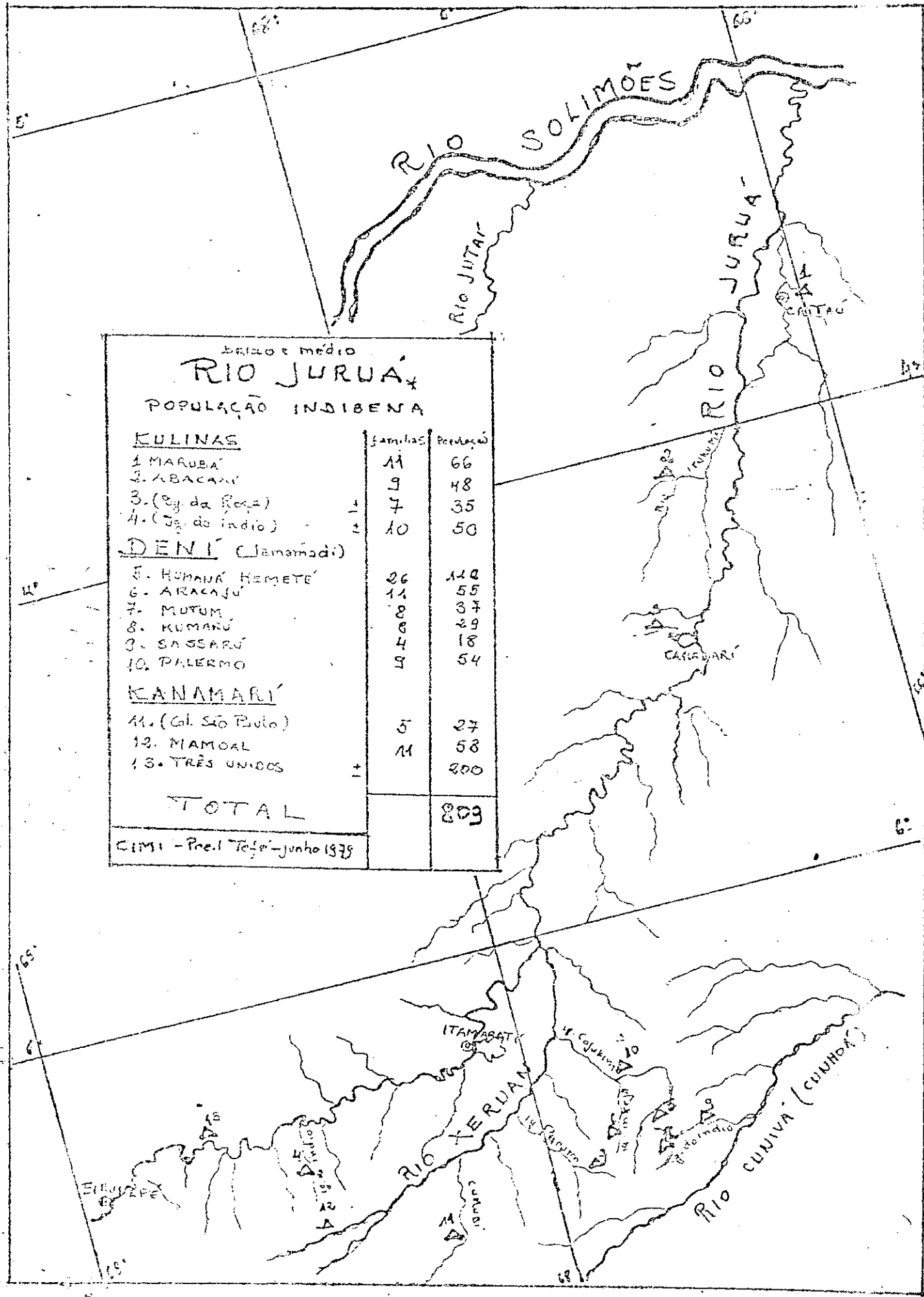
# PRELAZIA DE TEFÉ

- Escala	- 1 : 2.750.000
- <u>MUNICÍPIOS:</u>	- <u>PARÓQUIAS:</u>
Tefé	Tefé
Fonte Boa	Alvarães
Foz de Jutai	Missão
Juruá	Uarini
Carauari	Fonte Boa
Maraã	Foz de Jutai
	Caitau
	Carauari
	Itamarati
- Área em Km <sup>2</sup>	- 2.067,37

ÍNDIOS DO JAPURÁ \*

1. Índios Kanamari - grupo (?)  
oriundos do rio Juruá- Jutai (5 famílias)  
fazem caça e pesca no rio Urubaxi, onde existem outros grupos
2. Índios Kanamari - da mesma família  
4 famílias
3. Índios Kanamari  
oriundos do rio Juruá  
duas famílias.
4. 45 índios Maku Guariba -
5. Índios Tukuna  
uma família, no lago Mapari, vinda da região de Antonio de Iga
6. 25 Maku  
janeiro de 1979 - sarampo matou 17  
desde 1959 contato regular com os brancos  
moram no lago Jutai no Bob-boa
7. 1975 - os seringueiros de lado esquerdo fugiram para as ilhas- l-d  
direito do rio Japurá - por causa dos brancos
8. Aldeia de índios Miranha denominada Miratu
9. Aldeia de Maxoráx Marajáí - Índios Mayoruna  
135 pessoas - 19 famílias  
vieram do rio Japurá há nove anos, incentivados pelo Padre João Antonio  
a terra é da Prelazia de Tefé ( 1020mts por 3900 mts)
10. Aldeia de Jaquari - 59 índios Cabbeba - 11 famílias  
possuem escritura de registro e matrícula das fazendas e direitos  
processórios existentes na comunidade de Jaquari, outorgada pelo governo do  
estado do Amazonas.  
Vieram do Município de Fonte Boa, do Alto Alto Paraná, 1972
11. Aldeia de Méria- índios Miranha  
87 pessoas, 11 famílias -  
Território de 12.501ml foi demarcada pelo SPI em dezembro de 1979

\* informações novas fornecidas pelo irmão João Antonio?



branco médio

### RIO JURUA

POPULAÇÃO INDÍGENA

KULINAS	famílias	População
1. MARUBÁ	11	66
2. ABACANI	9	48
3. (S. da Rosa)	7	35
4. (S. do índio)	10	50
<b>DENI (Janamadí)</b>		
5. HUMANA HEMETE	26	122
6. ARACAJU	11	55
7. MUTUM	8	37
8. KUMARU	3	29
9. SASSARU	4	18
10. PALERMO	5	54
<b>KANAMARI</b>		
11. (Cl. São Paulo)	5	27
12. MAMOAL	11	58
13. TRÊS UNIDOS		200
<b>TOTAL</b>		<b>803</b>

CIMI - Pres. Teófilo - junho 1979

Mapa do rio Jurua e seus afluentes Rio Xerua e Rio Cuniva (Cunhorá) elaborado por Dionísio Heck



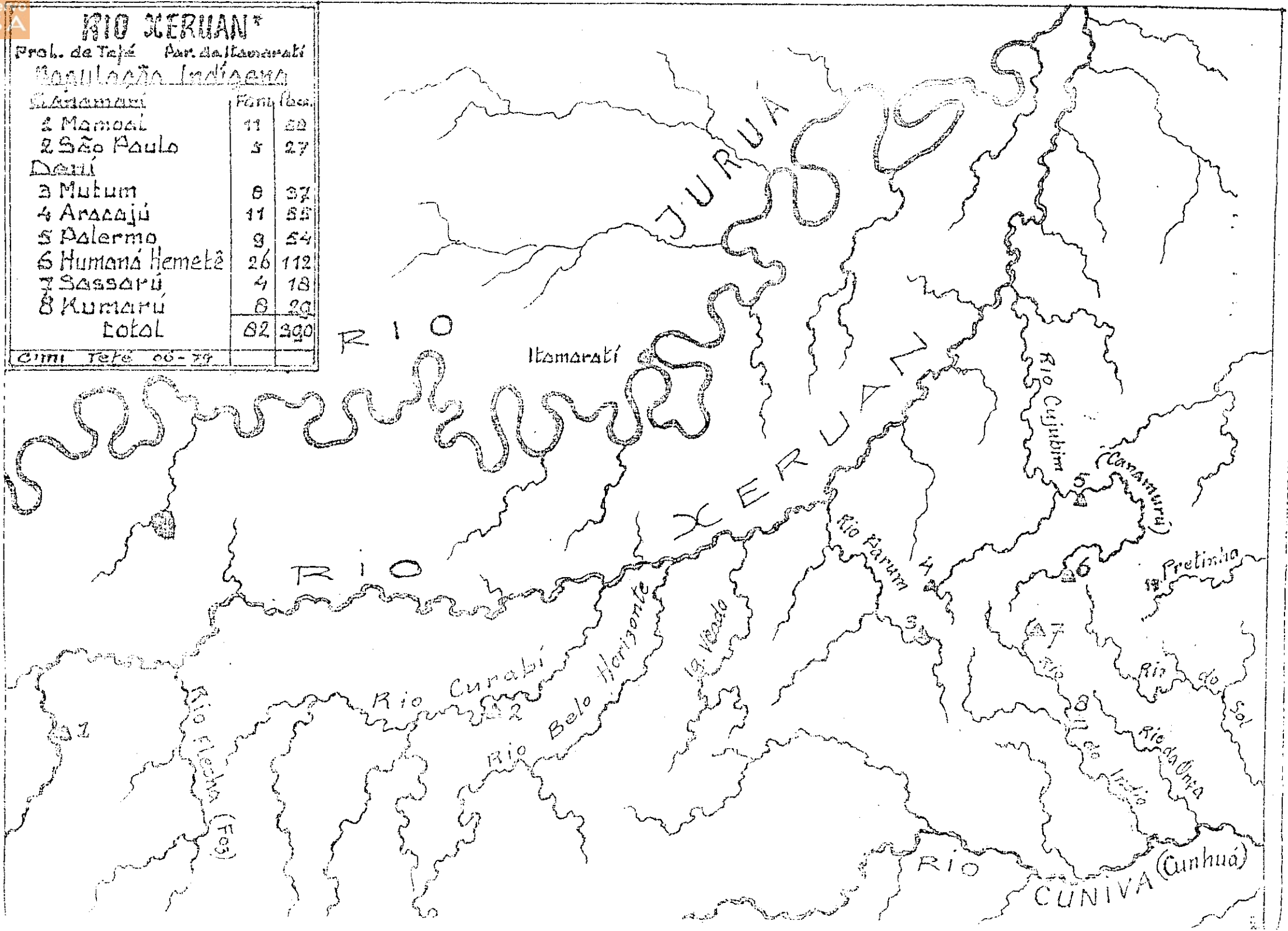
# RIO XERUAN\*

Prov. de Tajié Par. de Itamarati

## População Indígena

Localidade	Fam.	Ind.
<b>Itamarati</b>		
2 Mamoaal	11	52
2 São Paulo	5	27
<b>Dani</b>		
3 Mutum	8	37
4 Arcaajú	11	55
5 Palermo	9	54
6 Humana Hemetã	26	112
7 Sassarú	4	18
8 Kumariú	8	39
<b>Total</b>	<b>82</b>	<b>390</b>

Cimi Refe 06-79



Mapa elaborado pelo Serviço de Antropologia do IBAMA

# RIO BIÁ \*

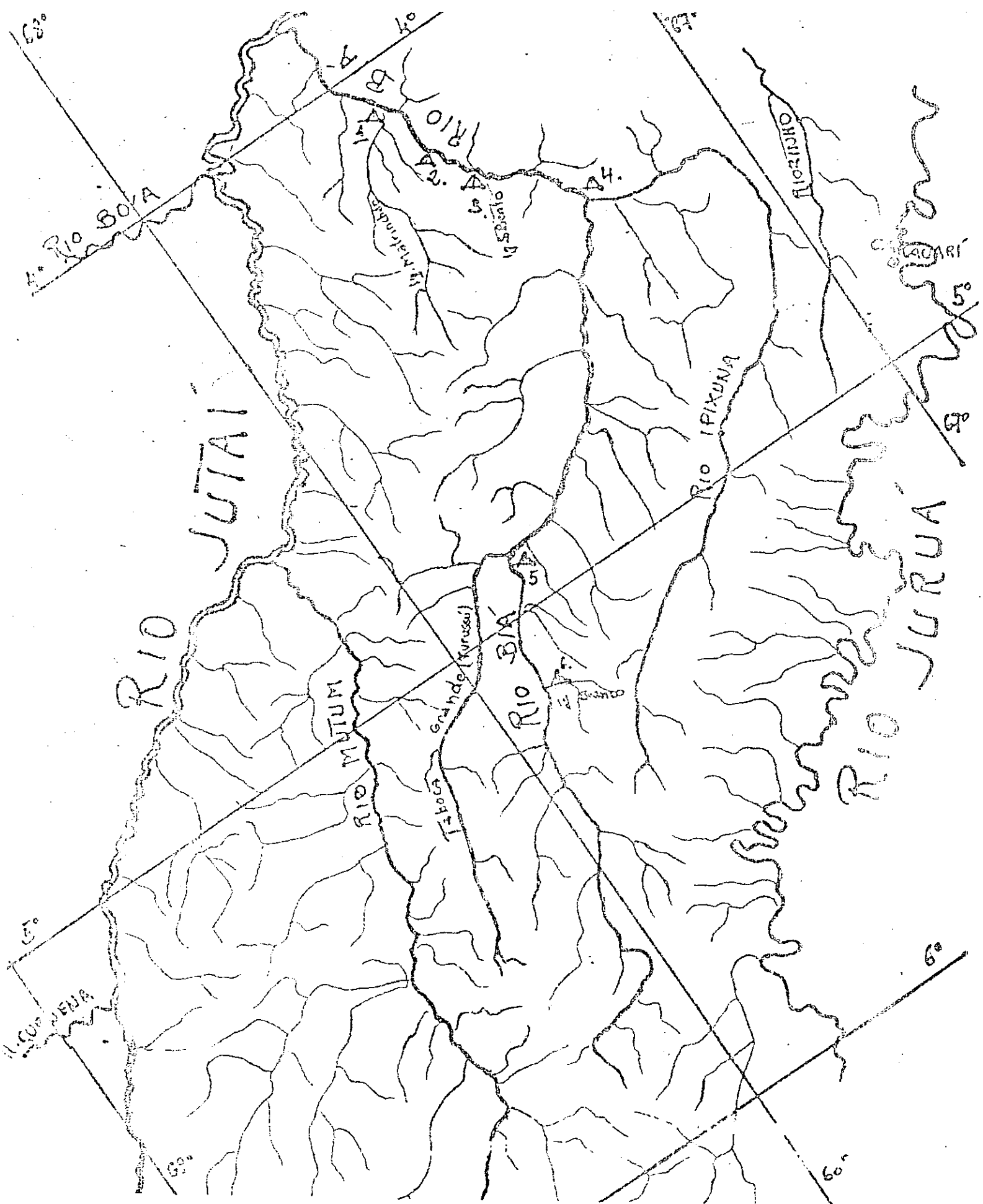
AFLUENTE do JUTAI'

## POPULAÇÃO INDÍGENA

CIMI - Ped de Tejo - março 1979

- KATURINA
1. Parúba
  2. Acapu
  3. S. Bento
  4. Marauá
  6. Caxeico
- KULINA
4. Maximari
- TOTAL

7	58
5	24
7	22
18	20
17	04
8	58
55	255



\* Reprodução do Livro "Rio Bia" de Heide Heck

